



CAPÍTULO I

O encontro com o espírito das águas

Era um lindo dia de sol, perfeito para Suru pôr em prática a tarefa que havia planejado para o dia.

O caminho até o Rio Tarumã era seu velho conhecido, o percorreu diversas vezes com seus amigos para brincar, e também com os adultos, para cerimônias ou estudos. Mas não hoje. Hoje é um dia especial. A tarefa era uma conversa em particular que deveria ser encarada com seriedade.

Preferia caminhar descalço porque gostava da sensação de terra úmida entre seus dedos dos pés. Durante o trajeto, já sabia que escutaria alguns animais, como macaco, paca e passarinhos, e veria outros, como lagartixa e cutia; que ouviria o farfalhar do vento fazendo as plantas dançarem suavemente, enquanto o sol penetrava os espaços deixados pelos galhos das árvores a fim de alcançar o chão.



Quando chegou na margem do Rio Tarumã, sentou-se no chão e apenas admirou. Seu pai dizia que era fácil entender o Rio Tarumã, mas que cada pessoa tinha um jeito próprio para isso. Suru concentrou-se no barulho das águas correndo e fechou seus olhos. Não sabe quanto tempo passou naquele estado contemplativo. Foram segundos, minutos ou horas? Não saberia dizer, mas pouco a pouco começou a sentir estas águas correndo por suas veias; elas faziam parte do seu ser, sustentavam sua vida. Então, com a certeza de que seria respondido, abriu os olhos e falou:

— Tarumã, meu pai me disse que um dia vou assumir meu papel como protetor do povo Chiquitano e da natureza, pois sem a natureza não tem povo Chiquitano. Já sei que isso vai dar um trabalhão e vou precisar de um tempão pra aprender, então, é melhor começar logo. Já conversei com um monte de gente da aldeia, só que nunca parei pra entender os rios, os ventos, as plantas e os animais. Por isso tô aqui, pra conversar e te conhecer.

Tarumã perguntou-se quem seria aquela pessoa que rompia seu silencioso trabalho clamando por sua atenção. Sentiu uma alegria imensa ao verificar que se tratava de uma criança. Raramente era procurado por alguém tão jovem, ainda mais com tanta seriedade, o que o fez pensar que a motivação daquela criança era uma preocupação que lhe afligia a alma. Então, concluiu que seria necessário fazer-se visível.

Tarumã costumava se transformar ao se fazer visualmente presente para as pessoas. Moldava seu espírito de acordo com os sentimentos e afinidades de quem o via. Ora assumia a forma de um pássaro, ora de uma onça, ora de um belo rapaz ou de uma bela moça.



Enfim, as possibilidades eram inúmeras e depois de tantos anos já não era mais capaz de lembrar-se de todas as aparências que assumira durante sua longa vida. A ideia era vestir-se de uma aparência particularmente amigável para

quem o visse. Essa estratégia lhe permitia falar com a alma das pessoas.

Para conversar com aquela criança em especial, Tarumã materializou-se na figura de uma bela moça de longos cabelos escuros.

— Olá, rapaz. Fico feliz que tenha vindo conversar comigo. Estou curioso para saber por que, entre tantas opções, você decidiu começar comigo?

Suru não esperava tamanho espetáculo. Era emocionante. Tarumã estava falando com ele. Ele entendeu na hora o que estava acontecendo. Não sabia o porquê, mas entendeu. Palavras eram desnecessárias e incapazes de descrever o vínculo íntimo criado naquele momento entre ele e Tarumã.

Aquele olhar gentil era carinhoso como de uma mãe, mas também belo. Não era de se espantar, já que seus pais já tinham contado histórias sobre como indo ao rio também encontraram diferentes manifestações do Tarumã. Mesmo assim, o baque foi tamanho que quase se esqueceu de responder a pergunta.



— Porque você já me conhece das pescarias, brincadeiras, banhos e rituais, mas sei que as coisas não são tão fáceis para você. Quero te conhecer melhor pra te ajudar e defender meu

povo. Tenho 12 anos, já sou um homem e sei que posso ajudar.

— Verdade, te conheço há muito tempo, desde quando te batizaram, meu caro Suru.

Suru surpreendeu-se ao perceber que, apesar de ter esquecido de se apresentar, Tarumã já sabia seu nome.

— Si-sim... me chamo Suru, que significa trovão. Minha mãe disse que sou tão barulhento como os tambores de guerra, apesar de vovó dizer que pareço mais uma tempestade do jeito que corro por aí.

Tarumã não conseguiu conter uma pequena risada e sentou-se numa pedra próxima.



— Consigo imaginar... Agora, de volta ao que disse, sim, infelizmente é verdade que não estou nos meus melhores dias. Sua iniciativa é nobre. Sabe, todas as pessoas nascem parte da natureza e podem vê-la e ouvi-la. No entanto, com o passar do tempo, muitas pessoas tornam-se cegas e surdas aos pedidos de socorro da natureza. Esquecem que são parte de um todo e que dependem dele. O povo Chikuitano não faz parte desse grupo de pessoas. Vocês, porém, compreendem

melhor a relação do homem com a natureza e por isso cuidam do meio ambiente. Isso é bom, muito bom. Enquanto existirem pessoas preocupadas com a proteção ambiental, assim como os Chiquitanos, ainda haverá esperança para a vida. Então, por onde você quer começar?

— Pode começar do comecinho?

— Eu nasci grandioso, de corpo transparente e cheio de vida. Eu corria pelo rumo ditado pela natureza, a sábia mãe da vida. E da minha existência muitas espécies já dependiam antes mesmo do homem. Quando conheci o povo Chiquitano, recebi o nome Nosururs. Depois me chamaram de Tarumã.

— Mas por que Tarumã?

— Ah, é por causa dessa frutinha escura que fazem vinho. — apontou para os frutos de uma árvore próxima a sua margem — Os Tupi-guarani a chamavam assim...

— Entendi...ah, tenho uma dúvida. Um monte de gente de um monte de aldeia fala de você. Você é grande assim?

Não era de hoje que Suru estava curioso para saber a real extensão do Rio Tarumã.

— Sou sim. Possuo 135km, atravesso Mato Grosso, Rondônia e entro até a Bolívia. Em todo canto que estou, vocês, Chiquitanos, me tratam bem.

— Nossa! Você é grandão mesmo! E pensando bem, sem você a gente não tem peixe pra pescar, nem banho pra tomar, nem bicho pra criar, nem ritual pra fazer.



— Sim, isso é verdade. Inúmeros animais e plantas dependem de mim para continuarem existindo, assim como diversas aldeias indígenas do povo Chiquitano.



Agora que tinha esclarecido sua dúvida quanto ao tamanho do Tarumã, perguntou-se se este sabia o tamanho de seu povo. Sabia que estavam espalhados por muitas terras.

— Ah, você disse que é grande, mas meu pai diz que a gente também é grande, sabia?

— Sabia sim. Seu povo é por essência transfronteiriço.

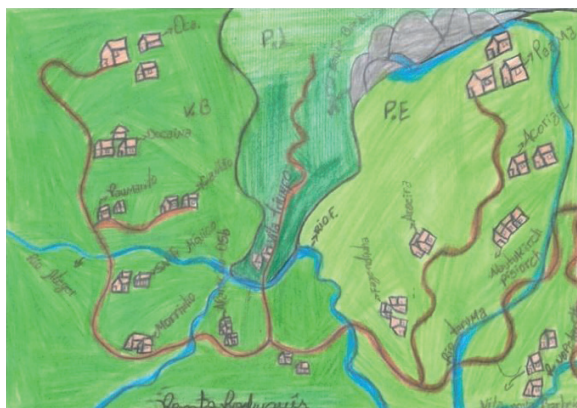
— “Trans”, o que?

— TRANS-FRON-TEI-RI-ÇO. Significa que vocês já vivem aqui há muito tempo, quando ainda não tinham cidades, estados ou países, não estão em um único lugar. O povo Chiquitano ocupa tanto territórios localizados no Brasil quanto na Bolívia. Na década de 2000, a população brasileira de Chiquitanos era de 2.400 pessoas, enquanto na Bolívia eram mais de 80 mil. No Brasil, os territórios que o povo Chiquitano tradicionalmente ocupa estão no estado do Mato Grosso, nos municípios de Cáceres, Porto Esperidião, Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade. Você

sabe quantas aldeias indígenas Chiquitanas existem em Mato Grosso?

— Acho que sei sim. — Neste momento ficou feliz por ter prestado atenção na aula que teve na escola e torceu para que sua memória não o traísse.

— Algo próximo de 30, né? Tem Vila Nova Barbecho, tem Acorizal, tem Fazendinha, Aroeira, tem a... a... Quais eram as outras? Ah, sim, lembrei! A Nautukich Pisiórch, a Paama Mastákama, tem de Nossa Senhora Aparecida, Os Bi, a Santa Luiza, a Triunfo, a Las Petas, a de Santa Mônica, a Bocaína, Nova Fortuna, Cantão, Murrinhos, Palmarito e tem a do Aeroporto OCA.



— Até que você sabe bastante. Parabéns! Não é fácil lembrar tantos nomes.

Suru encheu o peito de orgulho.

— Obrigado! Meus pais dizem que é importante conhecer nosso povo e não só a aldeia onde nasci. Aliás, onde você nasceu?

As águas da margem tremularam e o reflexo mudou para outra vista. Agora, uma serra de verde exuberante tomou conta do espetáculo. Suru nunca viu tanto verde antes em sua vida. A cada imagem, o jovem suspirava de emoção.

— Minha nascente fica ali, na Serra de Santa Bárbara. Ela é um Parque Estadual de Mato Grosso. Uma parte da área de proteção faz parte do território indígena Portal do Encantado, na fronteira entre o Brasil e a Bolívia.

— Quando os Chiquitanos começaram a usar suas águas?

— Faz tempo, tanto tempo que nem me lembro ao certo. Mas foi antes das Missões Jesuíticas, lá entre 1691 e 1760. Essas missões provocaram grandes impactos aos Chiquitanos. Já ouviu essa história?

— Não, pode me contar?

— Claro! Creio que é de grande valia saber sobre a história de luta do seu povo. A história é longa, mas não basta que eu te conte, é preciso que você a viva.

Tarumã ergueu os braços e abraçou Suru enquanto suas águas os envolviam. Mesmo naquele momento, ele se sentia seguro e confortável (assim como quando estava no colo de sua mãe), pois a história era bonita, mas triste e sabia que envolvido em um abraço materno o caminhar seria menos doloroso. O amparo era necessário.

PAROLA; POTO; MUQUISSAI
[COORDENADORES/AS DO PROJETO]

